

Catálogo das Produções Estudantis



TAL

Tempos de Artes
Literárias

2024

CONTO | CORDEL | CRÔNICA | POESIA | POEMA

Catálogo das Produções Estudantis

2024



GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA
Jerônimo Rodrigues

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA
Geraldo Júnior

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO
Rowenna Brito

CHEFE DE GABINETE
Luciana Menezes Silva

SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - SUPED
Helaine Pereira de Souza

DIRETOR DE EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - DIEx
Fabio Fernandes Barbosa

**COORDENADORA DE EXECUÇÃO DE PROGRAMAS,
PROJETOS E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - CEPPA**
Djenane Silva dos Santos

EQUIPE DE ELABORAÇÃO:
Carol de Jesus Brasil dos Santos
Djenane dos Santos
Fabio Fernandes Barbosa
Graça Lobo
Juliana Rangel Garcia
Lenildes Moreira
Nadjane Nascimento de Moraes

DIAGRAMAÇÃO:
Carol de Jesus Brasil dos Santos
Manuela Veríssimo Santana
Nadjane Nascimento de Moraes

Apresentação

A Secretaria da Educação do Estado da Bahia visando contribuir para a ampliação do acesso e a garantia dos direitos culturais, por meio dos Projetos Artísticos e Culturais – que compõem o rol dos Projetos Estruturantes - fomenta práticas pedagógicas de caráter emancipatório, por meio da educação de natureza inclusiva, contextualizada, artística e cultural pautada nos valores identitários, na diversidade sociocultural, no respeito às diferenças culturais, considerando os aspectos do cenário territorial e global ao qual o indivíduo está inserido.

Tempo de Arte Literária- TAL é uma experiência pioneira de caráter educativo, artístico e literário que mobiliza a juventude estudantil e os processos educativos, estimulando experiências criativas e produções literárias nos colégios da rede estadual de ensino.

Sendo assim, as unidades escolares potencializam o exercício da criatividade e a difusão da produção estudantil na rede, numa perspectiva pedagógica histórico crítica, criando oportunidades para tornar a escola um local de interação, integração cultural e social.

Projetos Artísticos e Culturais em Diálogo Permanente com o Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia(PELL)

O Plano Estadual do Livro e da Leitura da Bahia (PELL), dispõe-se a orientar políticas, programas e ações relacionadas à leitura no Estado. A realização das Festas, Feiras e Festivais Literários envolvendo diversos atores da cadeia produtiva do livro, entendendo que transformar a Bahia em um Estado de leitores é uma das principais diretrizes orientadoras de políticas públicas nas áreas de cultura e educação.

Bem como as estratégias que sustentam os três eixos temáticos do Plano Estadual do Livro e Leitura, isto é, (1) democratização do acesso, considerando os 27 Territórios de Identidade, (2) valorização da leitura como prática social e (3) desenvolvimento da economia do livro.

Dentre as estratégias, fomentar a leitura continua sendo um mote para as Festas e Feiras Literárias quanto atividade pedagógica.

Os Projetos Estruturantes são e serão necessários para uma condução coerente e aguerrida com a Política de Educação Integral em Tempo Integral, no caso das Festas e Feiras Literárias os Projetos Artísticos, sobretudo o Tempo de Arte Literária (TAL) que estimula a produção literária das juventudes, a troca de experiências e expansão do repertório literário dos estudantes.

NTE 01

AUTOR: ANDRÉ DA SILVA CALABRÓ

COLÉGIO ESTADUAL JUSTINIANO DE CASTRO DOURADO

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: LAPÃO

Juro que todo ódio vai virá amor

Libero as defesas de toda a minha flor.
Sou homem de faces e fases.
Muitas vezes bati na trave!
Me sinto o detalhe absoluto em craze, ou acaso do quase:
quase vi, quase vim, quase venci.

Libero as frações de toda a minha cor.
Não sei se é mais possível o amor.
Na neurose que provê a minha dor.
Já sou mais real que todos.
Já vi homens de lata sem coração.
Já vim ao mundo calamitoso.
Já venci leões sem explosão.

Bendito seja o fruto bondoso!
Bem dito seja o meu nome perante os homens.
Quero ser como Eva na imensidão,
quebrando a costela de Adão, pelo bem de minha criação.

Ou lendário Aquiles, se perdendo em tendões ou tensões, ou como "eu".
Tantas vezes feio.
Quantas vezes vil, tantas vezes porco, quantas vezes morto.
Tantas vezes tardio. Quantas vezes alheio.

Entre meus, seus e teus, meus semblantes.
Videiras acanhadas, seus petrificantes portões cor de garças,
teus horripilantes.
Que o impede que passas.

Passar e ir.
Sem sangue a ressentir.
Ratos de se afogar.
E a Eva em paz a se despir!

Sou camundongo. Evolução em tombos, como primata não lutei por prata.
Lutei pra não ficar em luto. Se cai do céu absoluto.

Em terra, construí casas.
E em paz por ser o meu lugar de começar.
Cai em "pernas" pra caminhar.
Não perdi as asas, transformei-as em braços.
E em brasas me conecto em laços.
Com sentimento atraído, de um anjo caído.
Como muitos, como filhos do pecado, como poucos, sem o suor ressecado.

Viva ao acaso!
Em soluções e bifurcações.
Meu pai me ensinou, de maneira boba.
Sobre o "difícil" e o "fácil".
O fácil é o "quase" que falei no início.
E o difícil é "quantas" vou encontrá-lo no caminho.
É até engraçado de se banhar.

Da metamorfose.
De falta e vícios da língua.
Porque sem ou com rimas,
meus problemas seguem na vida e continuam.

Legado
Olha na bola do olho. Olhe a bandeira!
O verde representa o que foi, o amarelo represente a fome, o azul não é "nada"!
Perante o coração dos homens.

Nem mesmo os pregados, alegados ou empregados.
Que mexeram na mistura do molho.
No jantar dos abastados. Qual foi?
Trazidas por pessoas de "nome".
Que nem olham atrás.
E continuam a sua jornada, sem medo de pisar nas cabeças de trás.

Mas, lembre-se: Filho teu não foge à luta.
Vivo em copa como Bastistuta, sempre Carolana como bruta.
Em passagem à labuta.

Me sinto o Bolt, me sinto o Jordan, me sinto o Pelé.
Apenas nove segundos na história.
Apenas o passado nas costas.
Apenas copas e copas.
Taças na vitória.
Taças vazias, que me dá azia.
Como se fosse miragem, me sinto pássaro,
na viagem Bárbaro, antes do ponto final.
Aterrisagem é o que importa, afinal.

Família.
Eu suportei o processo.
Me curei das dores.
Eu vivi o excesso.
Agradeço os amores.
Não me percam no retrocesso,
porque conquisto e conquistaremos.
A ideia de pertencemos.
Antes e pós, na lavra.
Porque se fosse fácil, não era pra nós.

Tudo isso em apenas uma palavra: luta.
Lutar pelo que há agora.
Sentir o que há lá fora.
Lembrar do que era outrora.
Desmentir o que é vendido.
Salvar os amigos e inimigos.
Refletir no escondido.
Batalhar para estar vivo.
Porque nessa arena de ilusões e decepções,
inverter e subverter, sonhar e acreditar, no credor do pudor.
Eu juro que todo ódio vai virar amor!

NTE 02

AUTORAS: JAMILLY FARIAS DE JESUS E GISLAINE WILMA DE JESUS NOVAIS

COLÉGIO ESTADUAL SUZANA DE ARAÚJO BOMFIM

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: MUQUÉM DO SÃO FRANCISCO

A luta de uma Mulher

É impossível descrever
A luta de uma mulher
Suportar viver rotulada
Sem agir como quiser
Ser submissa do marido
Isso quem diz é o machismo
Falas de um homem qualquer
Se sair de roupa curta
É uma mulher sem moral
Pra eles você só serve mesmo
Se estiver com um avental
Cozinando no fogão
Ou limpando um sujo chão
Se dizem ser o maioral
Quando o assunto é futebol
Saltam com ignorância
Isso é coisa de homem
Mulher não tem importância
Coisa de quem pensa pequeno
Gostam de soltar seu veneno
Só falam por implicância
Moramos em um planeta
Que vivemos sufocadas
Cheio de preconceituosos
Onde temos obrigações listadas
Querem abafar nossa voz
Eles têm uma vontade feroz
De nos ver acorrentadas
Tentam convencer a gente

Que não somos importantes
Não os deixem fazer isso
Não somos irrelevantes
Vamos lutar e ir bem fundo
Mostrar nosso rosto ao mundo
Calar os machistas falantes
Ser mulher é ser a coragem
De denunciar uma agressão
Mesmo sofrendo ameaças
De um falso valentão
Quem a agride é um covarde
Que não merece a liberdade
Seu lugar é na prisão
Ser mulher é ser a força
De ser assediada na rua
E, contudo, erguer a cabeça
Por que a vida continua
Saber do nosso valor
Não dá poder ao assediador
Você não revida e nem recua
É ser diminuída no próprio
Ambiente de trabalho
E mesmo assim resistir
Por confiar que não é falho
Mostrar que é capaz e superior
Silenciar o opressor
Não somos quebra galho
Ser Carolina Maria de Jesus
Uma renomada escritora
Ou a ícone Aretha Franklin
Estadunidense cantora
Maria da Penha deliberação
Que hoje é lei de proteção
É nossa floresta defensora.
É como ser Rosa Parks
Uma grande figura preta
Determinada e destemida
Julgada ser da sarjeta

Ela deu início a um boicote
Foi ameaçada de morte
Fez uma história porreta
É ser uma policial feminina
Que troca tiro com bandido
Ser sargento, se esforçar
Fazer sinal de sentido
E depois virar coronel
Comandar todo um quartel
Pro preconceito não deu ouvido
Ser a garra de ir atrás
Se encorajar bater no peito
Manifestar, protestar
É a vontade de ter respeito
É exigir da justiça ação
Passar pro mundo a lição
Que também temos direito
É ser a fé e a resiliência
De fazer a diferença
É a ânsia de ser ouvida
É não perder a crença
É não deixá-lo vitorioso
É querer o evento milagroso
De pôr um fim nessa doença.

NTE 03

AUTORA: NEIANE SANTOS BRUNO
COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ AMÉRICO ARAÚJO
SÉRIE: 2º ANO
MUNICÍPIO: ITAETÊ

Salve a nossa música

Eu gostaria de trazer uma reflexão: Cada vez mais temos ouvido menos forró.
Tem sido cada vez mais raro, né, gente? Eu sinto tanta falta, cresci com a minha avó ouvindo Luiz Gonzaga, Elba Ramalho, Dominginhos... Mas... não se ouve mais...

E ainda perguntam
"quem sente falta disso, né?"
Mas, eu sinto, sinto muita falta de ouvir:
"ai que saudades que eu sinto das noites de São João
Das noites tão brasileiras,
das fogueiras sob o luar do sertão"

Saudades... E por falar em saudades
Quanta falta que me dá
Dos longos e lindos tempos
Em que podíamos apreciar
Uma música de qualidade
De letra, afeto e tradicionalidade
Que toca e ensina a amar.

Ai como eu amo uma zabumba
com um batuque bem aprumado
A nossa clássica sanfona com um
solo bem arrochado

Mas onde está tudo isso nas festas tradicionais?
Perdeu lugar para outros ritmos
Meu Deus! Isso não se faz!
Nossa música merece espaço
Pois a nossa cultura ela traz.

Mas agora eu tenho uma pergunta
Que eu sempre fico a pensar
Quem disse que música boa
Tem época pra tocar?
Só é lembrada no São João
Te peço de coração
Salvem, por favor, o nosso xote, forró e baião.

Tantos artistas incríveis
Nós temos para homenagear
Mas apenas em um mês do ano
é que passam a lembrar
Nossa música não tem época
Ela é toque, sentimento e festa
E isso eu sempre hei de falar.

E agora até com Carolina resolveram vir mexer
Se ela sempre foi pro samba
Pra que foram se meter?
Mas deixa eu te falar respeito tua opinião
Mas segundo Luiz Gonzaga Carolina foi pro
samba e não no chão.

A música também é política
Mas isso tem sido perdido
Como posso eu amar letras que,
às vezes, me colocam em perigo?
Por isso, venho aqui alertar
Nunca paremos de lutar
E eu digo, com certeza, que certas letras
Eu jamais hei de entoar.

Tantas músicas lindas
Nós temos pra recordar
Que não sexualizam mulheres
Que mostram o sentido do amar
Que não possui nelas nenhuma difamação
Respeite meu (eu) mulher
Na sua composição.

Agora eu volto a falar
De amor, cultura e emoção
Vou citar hinos nordestinos
Que embalam o coração
E essa aqui é um clássico
que dispensa apresentação
Um solo de sanfona e uma letra espetacular
Em 1996, Nascia "Verdadeiro amor"

E venho destacar o nome do agora compositor
Washington Marcelo Barbosa foi quem
escreveu esse primor.

"Então, vem, vem que eu te quero, amor"

Desse hino o nordeste é detentor
Porque talento temos de sobra
E a nossa arte cura a dor.

E não dá pra esquecer o nosso poeta Dorgival
Que é autor e tocador de um hino atemporal

Pois quem nunca se perguntou:
"Coração, para que se apaixonou?
Por alguém que nunca te amou
Alguém que nunca vai te amar"

Nordestino raiz já nasce cantando "coração"
Pois é outro primor que representa
o nosso nordeste
Um salve a Dorgival Dantas,
eita "cába" da peste!

Vou pedir Licença, pra contar essa linda história
Foi saudosa Rita de Cássia quem
escreveu essa obra
E essa saga virou o hino do nosso povo vaqueiro

"Que desde cedo assume a sua paixão
De ser um vaqueiro e ser um campeão"

E essa obra jamais será esquecida
Pois a saudosa Rita deixou um grande legado
De escrever sobre a nossa luta
Do nosso povo arretado

Viva o nosso forró
Viva o nosso passado!

E pra me despedir
Novamente quero dizer
Mantenham viva a nossa música,
nossa cultura e tradição
Pois música boa não tem época

Não é só no São João
Salvem, por favor, nosso forró
Nosso xote, nosso baião.

NTE 04

AUTORA: LAYLA OLIVEIRA LOPES
COLÉGIO ESTADUAL NECY NOVAES
SÉRIE: 3º ANO
MUNICÍPIO: SANTALUZ

Vida, Infância da Morte

Era uma vez um ser
No berço de todo engano
Que engatinhava no viver
Sem rumos e sem um plano
Até firmar os pés no chão
Cirandeia na ilusão
O aprendiz de ser humano.

Efêmeras relações
Uma humanidade fria
Deposita frustrações
Em birras e rebeldia
Ou em boates que comportam
Humanos que não suportam
Sua própria companhia.

Em prazeres libertinos
Entre torpes risos rasos
Vagam seres sem destinos
Perdidos em seus acasos
Erguem castelos vazios
Em terrenos já baldios
Grandes casas de descasos.

A alma carente e insegura
Agora julga-se incapaz
Ao ver que a lágrima pura
Já não adianta mais
Mas quando algo dá errado

Depois de um joelho ralado
O que uma criança faz?

O quente-frio esfriou
Brincar de mal virou moda

Amarelinha amarelou
Vivos-mortos formam roda
Conectados, mas sozinhos
Confusos em seus joguinhos
Com jugos pulam da corda.

Layla Oliveira Papes

Pede colo, um balançar
Um doce, um dócil carinho
Uma canção de ninar
Envolto num pano quentinho
Um breve e infinito amor
Capaz de curar a dor
E voltar ao caminho.

Antonio Casier de Oliveira

Inclino-me a ver o céu
Toda a história se ilumina
Esboço sonhos no papel
A vida é escola Divina
E a morte é só um portal
Para o ciclo espiritual
De uma jornada contínua.

A vida é a infância da morte
Precede os dias finais
Brisa leve e vento forte
Unem passos desiguais
Que se igualam na certeza
Da existência da beleza
Além das coisas banais.

Somos apenas crianças
Numa passagem de sorte
Inocentes nas andanças
Viemos sem passaporte
Um sopro é a partida
Mas estou certa de que a vida
É a infância da morte.

NTE 05

AUTORES: FELIPE FERREIRA OLIVEIRA E DAVI DA SILVA SOUZA

COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR - CPM RÔMULO ALMEIDA

SÉRIE: 1º ANO

MUNICÍPIO: ILHÉUS

O olhar da lua

Eu não consigo ver a forma das coisas, nem a cor delas, a única coisa que os meus olhos são capazes de captar é a luz. Na minha vida, eu tive contato com vários tipos de luz como: do sol, as luzes artificiais e também a luz que vem do fogo.

Eu havia observado essas luzes de várias formas e, às vezes, propositalmente ou apenas com os eventos do cotidiano. Porém, percebi que nunca tinha visto a luz da Lua em toda minha vida. Pelo menos, até aquela noite.

Era um sábado, no mês de junho de 2022. Estava frio. O vento entrava pela janela, preenchendo totalmente a sala com um ar gélido de inverno. Enquanto isso, minha mãe e eu assistíamos a um filme, sentados no sofá, de frente para a TV de tela plana. E foi nesse momento que tudo parou. Um apagão fez com que a minha casa ficasse totalmente escura e silenciosa. As coisas que eu podia ouvir, naquela hora, eram o som do vento incessante e as vozes das pessoas conversando ao longe.

Minha mãe, que não tinha mais nenhuma maneira de se entreter, levantou-se, caminhou até a janela e começou a admirar o céu noturno. A minha intuição me levou a seguir o exemplo dela, porque em minha mente entendi que poderia acontecer algo interessante se eu olhasse para o céu. Talvez tenha sido coisa do destino o que aconteceu em seguida.

Eu me levantei do sofá e fui andando devagar até a janela. Cada vez que eu dava um passo em direção à cortina que tentava bloquear a brisa gélida e intensa que vinha de fora da minha casa, pude senti-la atingindo-me cada vez mais.

Cheguei finalmente ao meu destino, então estendi a mão, afastei a cortina para o lado e recebi o golpe furioso do vento que nunca cessava. Comecei a olhar firmemente para o céu, esperando que algo acontecesse e foi aí que tudo começou: os meus olhos encontraram uma luz bem fraca; eu achei que a energia havia voltado.

Por isso, eu não dei muita importância àquela luz. Mas eu notei que o som dos eletrônicos e o ânimo das pessoas que estavam fazendo uma festa longe dali, significaram a volta da energia, mas ainda não tinha voltado. Então, imaginei que poderia ser algo interessante. Perguntei à minha mãe que luz era aquela que estava

ali, pois sou cego e não tinha como defini-la. Disse-me que era a luz da Lua. Me concentrei nela e pude entender porque fazem tantos poemas sobre a Lua.

Era uma luz calma e intensa. Era como a aura de uma pessoa calma, leve como uma pena. Eu aproveitei o momento, até que a energia voltou. As lâmpadas se acenderam, os postes se iluminaram novamente e aquela pessoas ficaram animadas outra vez. Até hoje, eu espero outra oportunidade para ver a luz da Lua novamente.

NTE 06

AUTORES: JORGE KALIL EUGENIO DE OLIVEIRA SANTOS E SABRINA DOS SANTOS BULHOES

COLÉGIO ESTADUAL ANDRELINA EUFRAZIA DE JESUS

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: IBIRAPITANGA

O Encontro pela Redenção

Lá no sertão nordestino
Em uma noite bem quente
O passado e o presente brasileiro
Se encontrariam para uma
conversa frente a frente.

O passado é belo e inconsolado
E na primeira oportunidade
Botou pra fora do peito
Tudo que estava guardado:

Da poesia que do meu peito arde
Declaro de coração aberto que
No antes, vivíamos isolados
A minha terra tinha uma beleza imensurável.

Não havia governos ou supremacias,
Os meus frutos fluidamente nasciam,
Pois a liberdade

Era algo que ainda existia.
Estávamos todos em comunhão
Até que chegou a primeira embarcação
Nela tinha lobos com fome de destruição
Sua “descoberta” foi pura invasão.

Logo, se apropriaram de tudo que era meu
E assim virei colônia do europeu,
Traziam almas acorrentadas, desprovidas,

E assim começou uma guerra sofrida.
Escravidão insensata

Tirou de mim o meu valor
Minha terra, agora é um berço de dor,
Para quem um dia nasceu sem amor.

Mas isso também foi culpa do ariano
Deu ao mundo uma ideologia sem noção
Que a cor da pele
Vale mais que o coração.

O presente é dádiva e a beleza,
Mas em si possuía uma profunda tristeza
Demonstrou respeito ao seu passado
E foi se a dizer que nem tudo ainda havia mudado
Com a alma nordestina que no seu peito canta
Em melodia de cordel ele proclama:

Uma nova Pindorama
Se estabeleceu
A custo de vida
Minha essência se perdeu
Por um erro de partida
O pior aconteceu.

Agora a ganância
Se tornou a nossa sina

Não há mais dignidade
A maldade é quem domina
Pra mudar essa estrutura
Só intervenção divina.

Logo, se apropriaram se tudo que era meu
E assim virei colônia do europeu,
Traziam almas acorrentadas, desprovidas,
E assim começou uma guerra sofrida.
Escravidão insensata
Tirou de mim o meu valor
Minha terra, agora é um berço de dor,
Para quem um dia nasceu sem amor.

Mas isso também foi culpa do ariano
Deu ao mundo uma ideologia sem noção
Que a cor da pele
Vale mais que o coração.

O presente é dádiva e a beleza,
Mas em si possuía uma profunda tristeza
Demonstrou respeito ao seu passado
E foi se a dizer que nem tudo ainda
havia mudado
Com a alma nordestina que no seu peito canta
Em melodia de cordel ele proclama:

Uma nova Pindorama
Se estabeleceu
A custo de vida
Minha essência se perdeu
Por um erro de partida
O pior aconteceu.

Agora a ganância
Se tornou a nossa sina
Não há mais dignidade
A maldade é quem domina
Pra mudar essa estrutura
Só intervenção divina.

O que se vive agora
É uma liberdade ilusória.
O Estado é quem define
O desfecho da nossa história.
Tudo podemos, sem poder
Vivemos uma vida inglória.

Sobre as leis, os ricos sambam,
Enquanto o povo na rua clama,
Enfrentando os arcos da injustiça,
Por um mínimo de justiça.

Planos são feitos para a melhoria geral,
E a ODS é exemplo desse ato sem igual.
Mas não basta entrar por um ouvido
e sair pelo outro,
É preciso agir para que o mundo
mude de rumo.

É hora do povo se conscientizar,
E perceber que não há necessidade
de discriminar,
O preconceito é um preço a pagar,
Das antigas parcelas que precisamos mudar.

Mas e o futuro?
A esperança se faz presente,
Fruto das escolhas e das poesias
singelas, tão envolvente.
Dos recantos do meu sertão surge
a voz da ancestralidade,
Desejando vida nova e renascimento
na nossa realidade.

Neste Brasil tão diverso e belo,
A cultura é nosso maior apelo,
Para unir e transformar a nação,
Com amor, arte e revolução.

Que nesse mistério haja esperança e confiança,

Para um Brasil melhor, sem desesperança.

Que Deus olhe com piedade para

esta nação inteira,

É hora de parar, refletir e agir com

a verdadeira maneira.

O Povo brasileiro, não é fraco,

somos fortes e resilientes,

Com cultura, formosura e sabedoria

em nossas mentes.

Desde o início conhecemos

a verdadeira essência,

E não nos abatemos,

mostramos nossa resistência

O passado grita

O presente grita

A mulher grita

O indígena grita

O negro grita

A favela grita

A Bahia grita

O Brasil grita:

Liberdade e Democracia.

NTE 07

AUTORA: VITÓRIA SILVA MOURA
COLÉGIO ESTADUAL HENRIQUE BRITO
SÉRIE: 3º ANO
MUNICÍPIO: ITANHÉM

Tabuleiro de xadrez

Contra aqueles que fazem de vidas um jogo,
um tabuleiro de xadrez,
rainhas e reis, clero, burguês,
os peões que os mantêm são a classe mais pobre,
os cavalos jogados aos leões pra manter as imagens dos bispos,
as torres que tudo veem e nada fazem,
assim seguem milhares de xeques e mortes nessa partida infinita,
carregando o tabuleiro nas costas, como Atlas carregou o mundo.

Sem damas, somos só vagabundos,
entre o xadrez de grades frias e da burguesia,
meros escravos do sistema corrupto, de que servem os impostos?!
se ainda somos largados ao acaso...
As ruas viram orfanatos, presídios super lotados,
hospitais? atendimento precário!
E na escola, agora só matemática e português são matérias importantes,
como competir de igual pra igual sendo negligenciado?
A verdade é que um povo sábio derruba o sistema implantado,
esse é o medo gerado em quem mexe os gravetos
controlando as cordas que movem cada peça,
e cada vez que um de nos chega perto dos seus cargos,
eles se desesperam, a corda eles apertam,
querendo nos manter no tabuleiro, puro medo.

E num país com tantas leis, nenhuma assegura
Justiça pra todos, Justiça por todos,
por todos aqueles declarados como escória pelo sistema

NTE 08

AUTORES: WALINNY NASCIMENTO FRANÇA E ALEXSANDRA MOREIRA NOLASCO

COLÉGIO: ESTADUAL JOHN KENNEDY

SÉRIE: 2º E 3º ANO

MUNICÍPIO: SANTA CRUZ DA VITÓRIA

Minha Bahia

Nos faz andar nos trilhos,
Dos trios e dos blocos
E tem de Gandly, os filhos.

Nossos ancestrais ficam felizes,
Pois sua luta nos dá orgulho.
Nascer na Bahia independente,
Conquistada no dia 2 de julho.

Afoxé, samba, chinelo de couro
Tudo tem aqui, sem desdém.
Quer a Bahia em uma música?
Cito Saulo raiz de todo bem

Conheço bem a Bahia
Pois dela já sou cidadão
Se quiser se aprofundar mais
Faça parte da nossa "nação".

NTE 09

AUTORAS: MARINA ANDRADE CERQUEIRA E MARIA JÚLIA PINHEIRO SANTOS DIAS

COLÉGIO ESTADUAL BALBINO MUNIZ BARRETO

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: UBAÍRA

O Brasil de todos nós

Vejo um povo desesperado pedindo justiça,
Querendo um novo modo de vida
Em um país cheio de corrupção.

Senhoras e senhores! Hoje irei voos contar, a história
Dessa pátria tão amada, mas não a história romantizada,
De um homem branco

Que aqui pisou e várias tribos dizimou,
O mesmo homem que hoje pela história é vangloriando,
que matou e fez escravos!

E a ele, o título de descobridor do Brasil
Lhe foi dado, um título tão requintado
Para um homem que só matou
E fez escravos, ficaram indignados?
Pois bem agora irei contar a história
Que a sua escola jamais irá falar.

Malditos navegadores
Que aqui ancorou
No destino as Índias, no Brasil que ficou
Ao verem as indígenas despidas decidiram abusar
Quando os indígenas foram as proteger,
uma bala no peito eles vieram a levar
E aí da escola essa história contar.

Passado manchado
Vidas tiradas
Escravizaram negros de outro país,

Destruíram uma cultura
Indígenas abusadas
Colonização
Mulheres sem fala

Indígenas torturados, africanos foram enjaulados
Como animais foram tratados
O sangue do meu povo foi derramado!

Uma terra rica
Que foi devastada
Ouro roubado
Árvores cortadas,
Pau-Brasil em extinção,
Por míseros móveis de salão

O indígena coitado, que mal sabia ler, acabou
Assinado um contrato com o diabo que veio e roubou,
o seu bem mais precioso, sua terra, seu povo.
Um lugar que antes era de um povo livre, uma prisão se tornou.
Ao comparar o passado com o hoje. Agora.
Vejo que não mudou quase nada
Esse mesmo povo que teve sua vida violada
Hoje em dia tem sua história silenciada
Acobertada por trás de uma história mal contada,
De que um homem branco que pisou
E no nosso país encontrou.
Eu me pergunto onde está a história
Do meu povo, que lutou com louvor construindo
uma coisa que um branco veio e roubou.

Choro ao observar que a luta dos meus ancestrais tão difícil
Não serviu quase de nada
Veja, os negros ainda são escravos,
Do preconceito, ódio e rancor

Roubaram nossas lutas
Tentaram apagar nossos legados
Tornaram a igualdade uma disputa

Perdoe oh povos originários,
Palmares, Antônio Conselheiro, Maria Quitéria, Maria Filipa
Pegaram toda sua glória e passaram para Dom Pedro
Como se fosse sua, a vitória

Anos após a tão famosa independência
Em 1964 vieram os militares com seu falso moralismo
Implantando a ditadura dizendo que era o melhor!

Falsas promessas, falsos profetas um povo cego pela opressão, um país sem justiça
Obrigados a viver o cálice!
Marcado na história de uma geração!

Se eu tivesse o poder de voltar no tempo
Mudaria tudo,
Até o soar dos ventos
Voltaria em mais ou menos 1500
E rogaria aos ventos que desviassem as caravelas
Daquela invasão que nomeamos de descobrimento

Daria aos povos originários,
Milhões e milhões de conselhos
Quando os portugueses chegarem,
Por favor não se impressione com os espelhos

Quando a escravidão atravessasse os mares,
Enganaria os bandeirantes para que eles
Nunca pudessem encontrar Palmares
Lutaria com armas e escudos,
Entraria no meio da guerra e ajudaria Antônio Conselheiro a defender Canudos

Lutaria também ao lado de Maria Quitéria e Maria Filipa
Duas mulheres fortes, que lutaram por justiça

Se eu pudesse
Mudar a história
O nome do país não seria Brasil,
Apagaria tudo que remetesse aos navegadores, colonizadores
Que aqui um dia surgiu

Só de pensar me dá vontade de chorar
Destruíram famílias
Escravizaram uma princesa de outro país,
Aqualtune você lutou como uma guerreira!

Dessa vez
Na nossa vez
Como antigamente
Lutaremos com pessoas de pele clara para
que essas histórias não se repitam novamente.

NTE 10

AUTORA: MARIA EDUARDA DA SILVA MENDONÇA

CETEP MARIA DE ALMEIDA ARAÚJO

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: CURAÇA

Grito Silencioso

Eu juro que tentei correr,
Eu juro que tentei me esconder,
Mas não foi suficiente,
Ele me caçava enquanto sussurrava:
"Eu peguei,
Eu peguei você".
Senti minha pele arder,
Seu toque ácido e cruel,
Corrosivo como veneno.
Eu juro que tentei lavar,
Mas a água não aliviava

Eu juro que tentei gritar,
Mas sob a terra, ninguém ouve.
Eu juro que tentei me libertar,
Mas sua força, como correntes
Me prendia, sem a chance de escapar.
Ele sorria enquanto dizia:
"Eu peguei,
Eu peguei você".
Por que é tão difícil me ouvir?
Por que é tão difícil me enxergar?
Por que é tão difícil acreditar?
Por que é tão difícil me salvar?
Por que está tão difícil respirar?
Por que está tão difícil olhar?

Por que é tão difícil entender que não era minha culpa?
Por que é tão difícil parar de me sentir suja?

As lágrimas me sufocam,

A dor me esmaga,
As risadas sádicas me ensurdecem,
A sua ação me mata por dentro.

Por que é aceitável ignorar?
Por que é mais fácil calar?
Por que a vergonha é minha,
Se a culpa não é minha?
Eu grito em silêncio,
Eu clamo por justiça,
Eu imploro por compreensão,
Mas tudo que recebo é omissão.

Por que não me escutam?
Por que não me enxergam?
Por que protegem o monstro
E me deixam à mercê da escuridão?
Família deve proteger,
Família deve amar,
Mas por que sou eu quem deve sofrer
Para o segredo resguardar?

Eu sou a vítima,
Eu sou a sobrevivente,
Mas enquanto fingem que nada ocorreu,
Eu sou apenas uma voz sufocada pela indiferença.
A dor que carrego é invisível,
Mas é real, constante e persistente
E , até que alguém se importe,
Eu continuo a lutar, solitária e resistente.
Eu grito por ajuda,
Mas meu grito é silencioso,
Ninguém escuta.

Eu mostro as cicatrizes de uma dor ensurdecidora,
Mas elas são invisíveis...
Por um vislumbre,

A morte parece mais atraente do que a vida,
Pois na morte, nada se sente.

Mas eu não quero morrer,
Só quero ajuda e justiça,
Pois não é justo um caçador viver solto
Enquanto a sua presa morre
E sua cabeça é empalhada como um troféu
Em sua estante.

Eu clamo por justiça,
Mas enquanto a indiferença reina,
Eu continuo a lutar,
Com a esperança de que, um dia,
O meu grito de sofrimento
Seja ouvido e não ignorado.

Por que é aceitável ignorar?
Por que é mais fácil calar?
Por que a vergonha é minha,
Se a culpa não é minha?
Eu grito em silêncio,
Eu clamo por justiça,
Eu imploro por compreensão,
Mas tudo que recebo é omissão.

Por que não me escutam?
Por que não me enxergam?
Por que protegem o monstro
E me deixam à mercê da escuridão?
Família deve proteger,
Família deve amar,
Mas por que sou eu quem deve sofrer
Para o segredo resguardar?

Eu sou a vítima,
Eu sou a sobrevivente,
Mas enquanto fingem que nada ocorreu

Eu sou apenas uma voz sufocada pela indiferença.
A dor que carrego é invisível,
Mas é real, constante e persistente
E , até que alguém se importe,
Eu continuo a lutar, solitária e resistente.
Eu grito por ajuda,
Mas meu grito é silencioso,
Ninguém escuta.

Eu mostro as cicatrizes de uma dor ensurdecadora,
Mas elas são invisíveis...
Por um vislumbre,
A morte parece mais atraente do que a vida,
Pois na morte, nada se sente.

Mas eu não quero morrer,
Só quero ajuda e justiça,
Pois não é justo um caçador viver solto
Enquanto a sua presa morre
E sua cabeça é empalhada como um troféu
Em sua estante.

Eu clamo por justiça,
Mas enquanto a indiferença reina,
Eu continuo a lutar,
Com a esperança de que, um dia,
O meu grito de sofrimento
Seja ouvido e não ignorado.

NTE 11

AUTORES: LUCAS DOS SANTOS DE CARVALHO E NALBERT APRIGIO SILVA SOUZA

COLÉGIO ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL JUTAHY MAGALHÃES

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: COTEGIPE

O trabalho do vaqueiro

Cumpadi estamos aqui
Sem ao menos acreditar
Vamos dia inté noite
Para o cordel terminar
Demorou, mas té que enfim
Chegou o dia de amostrar

O TRABALHO DO VAQUEIRO (ODS 8- Trabalho decente)

O vaqueiro nordestino
Homem nobre do sertão
Está sempre confiante
Nas corridas de mourão

Cumprindo sempre o legado
Que é deitar o boi no chão
Com seu manto bem surrado
Chapéu, perneira e gibão
O vaqueiro é conhecido

Por sua entrega ao sertão
Montado em belo cavalo
Procurando sua paixão
Sendo neto de vaqueiro
Conhecido na região
Pegava animal feroz

Ágil, tinha medo não
Quando via o boi na mira

Laçava o alvo com a mão
O véi era muito bruto
Saia bem cedo aboiar

Não tinha medo do ofício
Nem preguiça ao trabalhar
Com seu berrante pomposo
Na estrada trota a tocar

Ele é símbolo de força
De coragem e redenção
Guardião fiel do seu lar
Contém alma de pião

Seguindo os passos do mestre
Geração em geração
Em seu cavalo vistoso
Corta mato e o poeirão
Atrás do seu boi valente

Que é bravo, forte e grandão
Ele passa dia e noite
A cumprir com sua missão
Nos tempos de sol e chuva
A terra vai preparar

Mesmo que o fruto demore
Seu alimento virá
O cuscuz e a rapadura
Na mesa sempre estará
Na caatinga viu jurema
Com espinhos de montão
Por dentro o pião seguiu
Levou marcas do sertão.

Mesmo assim seguiu em frente
Em busca do boi corrao
Em festas de vaquejada
Loira e morena sempre há
Dançando um forrobodó

Fazendo o pó levantar
Aplaudindo esses vaqueiros
Que derrubam boi a mostrar
Fama de conquistador
Está sempre a recordar
Nas carreiras que já deu
De fazer moita saltar

Cada lugar tem muié
A espera dele voltar
Destemido como o vento
Não finca pé num lugar
Vida dura a de vaqueiro
Devemos sempre lembrar
Os feitos de heroísmo
Onde ele soube reinar

Salve, salve o bom vaqueiro
Amor tem pelo que faz
Não deixa boi de arribada
Corre atrás quem é capaz
Seu trabalho é a sua vida
Outra coisa não o apraz.

NTE 12

AUTORA: MONALISA SOUZA TRINDADE

COLÉGIO ESTADUAL SÃO SEBASTIÃO

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: CATURAMA

Grilhões da diversidade

Nos versos da História, uma poesia de etnias se entrelaça,
Onde as lembranças se fundem em uma dança de raças.

Negros, brancos e indígenas em uma fusão ancestral
Forjaram o enredo de uma nação multicultural.
Sem um pinga de amor,
Abusaram de nossos antepassados sem pudor.
Reis e rainhas perderam a sua majestade,
Para o Brasil vieram contra a sua vontade.

Os nossos antepassados africanos
A ferro quente foram marcados,
Em navios negreiros foram transportados,
Como objetos a serem comercializados.
Os nossos antepassados indígenas,
Tiveram suas terras invadidas .
Batalhas, lutas e sangue
Rituais para as vidas perdidas.

As nossas terras sem autorização exploraram.
O nosso valioso ouro roubaram.
O nosso Pau-Brasil levaram.
E a nossa Pindorama em Monte Pascoal transformaram
Já nos escravizaram.
Já nos chicotearam.
Já nos venderam.

Já nos usaram.
Já fomos a carne mais barata do mercado.

Dos corpos de nossas ancestrais já se aproveitaram.
A nossa liberdade tomaram.

O direito à educação, lazer e dignidade nos negaram.
Com grilhões já nos prenderam.
Aos troncos já nos acorrentaram. Nossas costas sangraram.

Quando os chicotes cantaram.
Anos se passaram e a luta não se findou.
Queremos igualdade,
Queremos nossas terras. Queremos liberdade.

Queremos ocupar espaço
Sem medo de sermos assassinados.
Queremos mostrar nossas tradições
Sem medo de punições.
Relembre que outro dia, asfixiaram um negro
Acusaram-no de ter roubado
E assim ele se tornava Mais um injustiçado.

Outro dia, os relatorios alertaram
Sobre os garimpeiros que os rios contaminaram,
A Terra Yanomami em crise humanitária deixaram,
E de diversas indígenas se aproveitaram.

Outro dia, um jogador negro foi expulso
Aplicaram-lhe um mata-leão
Chamaram-no de macaco E nada fez a comissão.
Até quando isso vai durar?
Quanto mais teremos que aguentar?
Matam-nos e nos humilham
Prendem-nos e nos expulsam.

Esquecem-se do que já passamos
De que a nossa luta não é recente
Desde a época da escravização ela é presente
Pela glória ao sangue derramado quente.
Igualdade, liberdade!

Quando ao Brasil irão chegar,
Para as dores do povo brasileiro
Finalmente abraçar?

Os olhos da pluralidade refletem a luta e a dor,
Cicatrizes profundas de um passado de opressão e rancor.
Mas também brilham resiliência,
Na busca por justiça e por equidade com sua resistência.

A história de nossos antepassados
Em nossos corações está fincada.
Anos de abusos e explorações
Formaram a nossa pátria amada.

Nosso samba, maracatu e axé.
Nossas máscaras, nosso Toré.
Nossas pinturas, nosso pajé.
Nossa cocada, nosso acarajé.
Nosso jongo, nossa capoeira.
Nosso lundu, nossa benzedeira.

Nossas flautas, chocalhos e tambores.
Os anos não apagaram as nossas dores.
Como estrelas no céu noturno, cada etnia reluz,
Cada qual com sua narrativa, sua voz, sua cruz.

O sangue derramado em batalhas por liberdade,
E o elo que une nossa sociedade.
Na mistura dos corpos e das almas,
Do quilombo ao navio negreiro,
Da aldeia ao canavial,
Cada passo ressoa a força de um povo plural.

Nessa força há memória,
Que ecoa em cada gesto com verdade.
Que seja a união nossa grande glória,
Na exaltação da nossa humanidade.

Que cada cor seja uma estrela a brilhar no céu da nação,
Que cada voz seja ouvida com respeito e compaixão.
Que a diversidade seja nossa maior fortaleza,
E que juntos construamos um futuro de igualdade e grandeza.

Martin Luther King Jr. tinha um sonho
Em que seus filhos viveriam em um mundo
Onde o que realmente importa é o conteúdo
E esse é, também, o meu desejo mais profundo.

NTE 13

AUTOR: JÔNATAS MEIRA ALVES

COLÉGIO ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL DE BRUMADO

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: BRUMADO

Hipotermia

Querida irmã,

É inverno e, como todos os invernos, faz frio. Enquanto escrevo esta carta, me sirvo um café: ao passo que ele traça a sua rota pela minha garganta, sinto aquecer meu coração. Meu coração, no entanto, está congelado, minha irmã.

Hoje, ao despontar meu passo, indo para o trabalho, segui o mesmo caminho que eu habitualmente seguia. Meus passos eram firmes e eu ansiava por chegar logo no meu trabalho para conduzir o meu ofício de ficar, por oito horas ininterruptas, vendo a tela do computador. Faço isso de maneira apática, fria como o inverno. Não gosto do meu trabalho, mas não é sobre meu trabalho que vim falar.

Como ia lhe dizendo, todos os dias sigo pelo mesmo caminho, sem desvencilhar-me, mas quando passava, vi uma certa multidão (um grupo de quatro ou cinco pessoas) ao redor de algo. Curioso, aproximei-me. Ali havia um cadáver. Olhei para aquilo com estranheza. Indelicado, perguntei: "Morreu de que?"

Respondeu-me uma mulher, de traços fortes e voz bruta: "De frio."

Pisquei os olhos. Então, recordei-me que, ao sair, li que a temperatura daquela noite tinha sido uma das mais frias do ano. Minha irmã, aquele homem na minha frente, caído, rígido, rígido com todo o rigor da morte, tinha morrido de frio. Que miserável era aquele homem. Usava uma camisa maltrapilha, suja, seus cabelos igualmente sujos, sua face magra de quem não comia a dias e já estava desnutrido, e o reflexo que escancarava a parte mais bárbara da nossa sociedade, e eu, minha irmã, quando ouvi aquilo, e percebi que tinha ele morrido de frio, de hipotermia, chorei.

As lágrimas não escorreram do meus olhos frias. Escorreram fervendo como óleo quente. Sentia meu rosto queimar, sentia meu coração despedaçar-se. Sentia uma dor pior que a dor comparada a perder um parente. Aquilo me tocou de maneira ontológica. Era como se facas invisíveis cortassem minha carne, penetrando fundo, atingindo cada nervo, cada fibra. A dor não era apenas uma visitante, era uma residente, firmando raízes e se espalhando como uma praga.

O tempo parecia parar, congelado no momento do sofrimento, e cada segundo se arrastava como uma eternidade, de modo que o simples ato de respirar parecia um esforço hercúleo.

Minha irmã, que mundo é esse que vivemos que alguém morre de frio? Desalentado, jogado ao léu do mundo. Tremendo, tremendo de frio, vítima da mãe de todas as maldades, a desigualdade. Bebendo meu café, confortavelmente às dezenove horas, simplesmente sou incapaz de perceber o quanto sou um ser humano terrível, Sou terrível porque bebo café quente enquanto, na noite passada, morreu um ser humano, um irmão, alguém com história, com identidade, de frio. De frio! Do que precisava para não ter morrido? Um cobertor? O preço de sua vida era um agasalho?

Ai de mim, que acreditei que o mundo poderia ser um lugar um pouco melhor algum dia. Ai de mim, que cri que nossa sociedade não seria tão assassina. Eu e você, e todos os outros, carregamos o peso, temos a mão suja do sangue de todos que já morreram de frio, de fome, procurando um alento. Que lástima. Que dor profunda. Que grito grutal minha boca ecoa. O que será de cada um de nós? O que nos tornamos? E por que estamos tão confortáveis sabendo que a raça humana naturalizou o que jamais pode ser naturalizado?

Hoje me sinto o meu maior inimigo. Sinto-me um monstro, e choro em silêncio mesmo sem nunca ter visto aquele rapaz. Ora! Como eu poderia ter visto? Ele era um dos invisíveis, um dos sem vez nem voz. Pra mim, pra você e pra todos os outros era como se aquele homem jamais tivesse existido. Sua vida ou sua morte não fazem, nem fizeram, nenhuma diferença pra mim, nem pra você. Sua morte não passará nos jornais, e ele será sumariamente enterrado num caixote de feira, como um indigente. Sua morte é apenas um estorvo e o maior incômodo que causará a alguém será ao do coveiro cansado que irá o enterrar metodicamente.

Não faz nenhuma diferença para a economia, para a bolsa de valores ou para o produto interno bruto. Sua morte, e a de tantas outras, é apenas um mero dissabor da vida cotidiana. Talvez a única vez que aquele pobre diabo tenha sido visto, enxergado por alguém, tenha sido esta manhã, já morto.

Agora, uma imensidão de perguntas assola minha mente, mas a principal é: quanto mal estamos semeando? E qual será o fruto dessa colheita?

Espero que você tenha uma resposta, irmã. Eu, não. A única coisa que eu tenho é pânico e tristeza. Escrevo esta carta com as tripas numa tentativa de acalantar meu peito inquieto e, principalmente, deprimido.

Meus mais sinceros e viscerais votos para que esta correspondência te encontre bem.

Gelidamente, seu irmão.

NTE 14

AUTOR: FLÁVIO SILVA ALMEIDA

COLÉGIO MODELO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: ITABERABA

Se eu fosse arte

Se eu fosse arte, seria um poema,
Profundo e visceral, de Clarice Lispector
Se eu fosse arte, seria um som melódico
Do piano em uma sinfonia de Beethoven

Se eu fosse arte, seria quem sabe,
Alguma estrela, na noite de Van Gogh
Se eu fosse arte, seria o conflito,
Que gera o teatro e instiga o sentido.

Se eu fosse arte, seria o silêncio,
Que contempla o pôr do sol ao fim do dia.
Uma beleza que acalma e inspira,
Uma paz que ao coração se alheia.

NTE 15

AUTORA: IOLANDA CIBELE SOUZA RIOS

CETI PEDRO FALCONERI RIOS

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: PÉ DE SERRA

Procura-se fabricantes de poesia

Mataram todos os poetas.

Capturaram-lhes a rotina, prenderam seus pulsos às algemas da normalidade, intoxicaram de padrões os corpos de suas palavras, encheram seus pulmões das águas da moralidade, arrancaram para fora as vísceras de seus seres, jogaram suas cabeças à mais perfeita lógica, param-lhes os corações. Velaram-lhes à chama de seus amores reprimidos, forçaram à cova da mente todas as suas ilusões, enterraram suas raízes sob o solo árido deste mundo, condenaram ao fogo eterno os resquícios de suas almas despedaçadas.

Mas não há vida sem arte, ainda que nas piores condições. A arte tem essa característica esquisita de sobreviver, de resistir até nos locais mais inóspitos. Se trata apenas de uma questão de tempo até que ela abraça o terreno mórbido, finque suas raízes, volte a ganhar espaço e de uma hora para a outra invada novamente a superfície.

Então, caso certo dia algo que se assemelhe à poesia apareça num cartaz de "procurada" e deseje investigar em que lugar ela há de ter se escondido, desça alguns degraus em direção ao subsolo, é lá que enterramos as coisas que não deveriam ser encontradas (ao menos é o que dizem).

NTE 16

AUTORA: JOANNA NERY SANTOS DA SILVA

COLÉGIO ESTADUAL ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

SÉRIE: 1º ANO

MUNICÍPIO: SAÚDE

Auri Sacra Fames "Fome de Ouro"

Renasci do fogo fascista,
Agora queimo os livros
Que clareiam os pretos.
Sou fruto dos vermes malditos
E, de você não tenho medo!

"Sinceridade, verdade e lealdade"
É o lema da quebrada
Sou mais uma neguinha favelada
Cuspindo barras e barras
Sonhando em não ser barrada!

Embragada!
Portando quilos e quilos
De poesia marginalizada
Vejo meu sonho escorrendo
Pela calçada de casa.

Desculpe se minha língua não é rebuscada
É que eu não aprendi tua linguagem elitizada.
Olavo Bilac é o teu salvador,
Porque na escola da vida
Sabotagem é o meu professor!
Carrego o meu legado
Com "Menos armas e mais livros".
Presente na controvérsia do ensino.
Movo minha força ao destino
E repito: meu povo não é pobre, ele foi empobrecido.

Não diga que meu discurso é radical.
Radical é o julgamento que se faz lá no tribunal!
Acusado, desamparado, julgado
discriminado e marginalizado,
Apenas, por não ser um padrão irreal.
Hoje eu sou trabalhador,
Amanhã, posso ser uma estampa de camisa.
Wesley, Carlos, Wilton, Roberto e Cleiton
16, 18, 20 e 25
Foram surpreendidos com 111 tiros.

Um cavalo de troia, no sistema operacional.
O vírus que destrói sua construção Imperial.
O ser humano foi um experimento
que não deu certo.
A arte é o espelho da vida.

Eu sou poeta...
1% razão e 99 sentimento.
Tentaram me apagar,
Mas eu sou a minha própria sombra,
Eu sou tudo o que eu preciso!

A santa Isabel, libertina e rainha
Deu-lhes liberdade.
E assim nasce, no norte das cidades
As grandes comunidades.
Não passo pano pra racista, porque eu sou Team Felipa.

Caí na história do ventre livre,
Botei a cara na rua e morri desnutrido.
Clickbait! Só mais um iludido.
Quem perdoa é Deus, tamo' aqui para cobrar
E apesar de tudo, Deus lhe pague!

NTE 17

AUTOR: JOÃO VITOR MOREIRA JAMIL

CETEP – SERTÃO FORTE

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: EUCLIDES DA CUNHA

Forjado e Liberto

Alguns vivem como se nunca fossem morrer
Outros morrem como se nunca tivessem vivido
Eu não vivo em vão
Tenho coragem
Eu vivo
Eu não me intimido.

Eu sou artista, mas também sou artigo de crime,
sou sonhador, mas também sou vulnerável ao sistema.

Quer chamar atenção vai ter que me tirar da cena.
O medo segue os nossos sonhos, eles querem roubar o que é seu,
O que é meu e o que é de todos nós.

De cara a cara eu fui encorajado, pois precisamos disso nos dias de luta.
Se eu desfrutar e me implantar, vou ter que plantar uma árvore
que ecoa frutos lá dentro, para nunca mais me calar.

Sou o que você quiser me chamar,
mas aos olhos do sistema sou vagabundo em rede pública.
Eles querem que eu me cale.
Sou um sonhador, baiano cheio de cultura, vim do sertão de pouca água e vida dura.
Vivo do que sei, respiro arte e liberdade em minha pele,
me chame do que quiser, com o livre arbítrio eu conto o resto.

Meu silêncio é um manifesto.
Para eles eu só sei sambar.
Os caras falando em liberdade, eu buscando a minha felicidade.

E nela eu enraizei, enfatizei e disse:
Pronto. Isso aqui ninguém me tira.

Já me tiraram a expressão, não querem a depressão,
mas o sangue derramado em meus olhos é arte.
Com tanto expressionismo,
eu me dedico a cada verso de resistência,
adoro um romance,
só que rosas têm espinhos e João de Barro faz seu ninho
para assim te impressionar.

Como sou de muito papo,
Dona Ana se alegra com o samba no pé que a senhora ama de coração nos ensina.
Obrigado ao guerreiro que levantou o berimbau e toda capoeira com rasteira tem um
final, deu na cara do português que achava que tinha moral,
hoje toda essa cultura não se cria no quintal.
Eu faço da dificuldade a minha motivação a voltar por cima vem na continuação,
o que se leva dessa vida é o que se vive, é o que se faz.

NTE 18

AUTOR: CALEBE REIS DE SOUZA

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR SIMÕES NERI

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: INHAMBUPE

É Isso

É isso, minha decisão foi tomada
Vou sair pelas ruas, sozinho, sem medo de nada
Não me entenda mal, eu já fazia isso, me comportei pelo meu bem
Só não queria que você visse minhas ações para me fazer refém

Mas o comum me esgota, estereótipos me reprimem
Suas expectativas, meu eterno cárcere.

Como posso ser boêmio se me prendo ao ódio
Às ambições de estar no topo do pódio?
Com o prêmio do caixão mais bonito

Mas um dia desses, decidi correr em passos lentos
E observar a paisagem
Antes que suspendessem os jardins da Babilônia
Antes que as asas de Icaro derretessem

E eu tivesse que salvá-lo com um avião de Drumont
Antes que o Astro Rei resplandecesse minha pele preta
Ou a luz da lua, me trouxesse filósofos embriagados

Dionísio se alegra, aplaude de pé minhas apresentações
Na corda bamba do meu circo particular,
Não sou nada mais que um poeta
Dentre os vários poetas de Salvador

Andando pelas mesmas ruas, com os mesmos filósofos
Falando sobre amor que virou dor, que virou poesia
Que se tornou mau um berro d'água.

NTE 19

AUTORA: CAMILY VITÓRIA GRILO MOTA

COLÉGIO ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL DE AMÉLIA RODRIGUES

SÉRIE: 2º ANO

MUNICÍPIO: AMÉLIA RODRIGUES

Odeio brincar

Eu odeio brincar. Eu odeio brincar de esconde-esconde, eu odeio brincar de pega-pega. Eu odeio brincar porque nunca ganho, mesmo tentando! Esses dias, eu inventei de brincar de novo. Todos nós batemos 0 ou 1 e, adivinha? Fui eu quem teve que contar de novo. Mas dessa vez, eu ia ganhar. contei mais rápido que o normal para ver se isso me dava alguma vantagem, mas, quando olhei para trás, todo mundo já tinha se escondido. Era muito difícil procurar! A casa era grande, estava suja, bagunçada, mal cuidada, cheia de buracos, remendos mal feitos e rachaduras que os antigos moradores deixaram. Mas eu gostava dela, até dei um nome: chamava-se Coração.

Depois de procurar muito, achei a Confiança dentro do armário; ela sempre se escondeu tão bem! Andei mais um pouco e achei a Autoestima debaixo da cama; ela sempre gostou de lugares pequenos! Achei a Serenidade atrás das cortinas; fazia tempo que eu não a encontrava. Dentro do baú, achei a Esperança. Nem sabia que ela estava brincando! Andando pela sala, vi o Amor espremido em uma caixa pequena, numa tentativa falha de se esconder, mas ele sempre gostou de tentar se moldar para caber nos lugares, mesmo sabendo que isso vai machucá-lo.

Agora só faltava achar a felicidade. Já tinha procurado em todo lugar. Então, vi um vulto se aproximar do lugar onde eu estava contando. "Não, de novo não! Eu não vou perder dessa vez!", pensei. Corri o mais rápido que pude. A Ansiedade tomou conta de mim naquele momento. Engraçado que ela eu nunca precisei procurar, já que sempre esteve ali! Só faltava alguns centímetros para ganhar; só precisava encontrar a felicidade, mas, infelizmente, ela foi mais rápida. E existe uma regra: se o último jogador encostar no lugar onde você estava contando, ele pode salvar todos os outros e você perde. E foi o que ela fez. No segundo em que gritou "Salve todos", senti tanta raiva, não aguentava mais perder. Então, no impulso, comecei a gritar com ela, mas, no segundo em que ela me olhou, tudo desabou.

Uma nova rachadura se formou na casa, pois, quando olhei no fundo dos olhos dela, percebi que eram os meus, já que, no lugar do rosto, havia um espelho. Não foi a felicidade que me fez perder até porque eu nunca achei ela. Então percebi que nunca iria ganhar enquanto estivesse jogando contra o meu próprio time. Da próxima vez, eu não vou contar; vou me esconder. Vou me esconder com a Morte! Talvez assim a Vida não me ache. Eu, sinceramente, odeio brincar.

NTE 20

AUTORA: KAUANE CHAVES TEIXEIRA

COLÉGIO: ESTADUAL PROFESSORA HELEUSA FIGUEIRA CÂMARA

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: VITÓRIA DA CONQUISTA

Indesejável Público

Indesejável público,
Que assiste-me sem pagar ingresso,
Sua presença pouco me agrada
Porém faço-lhe a última chamada
Ao meu espetáculo regresso.

Indesejável público,
Olha eu sempre fui assim,
Perco até o que nunca foi meu
Sofro como ninguém sofreu
E ainda ousa dizer que não era para mim.

Indesejável público,
Sempre mais velha, nunca mais sábia
Sempre a poeta, nunca a poesia
Sempre amando, nunca amada
Encontro tristeza quando busco alegria
Sou feita de perdas amarradas em memórias
Vazios escuros, de fendas profundas
E ao buscar respostas em outras histórias
Vejo-me sendo as próprias perguntas

Indesejável público,
Já fui rei sem saber governar
Soldado sem sequer saber lutar
Fada sem asas e o projeto de uma mísera poeta
Agora, sem faltar nada, sou palhaça, formada e completa

Indesejável público,
Considero-te, já, meu sincero amigo
Veja, não é estranho pensar assim?
Um dia quem deu risadas comigo
Aprendeu a ri de mim.

Indesejável público,
Não vê que tudo está se acabando?
As luzes do palco estão apagadas
As palmas das mãos serão ritmadas

Mas eu ainda estarei me apresentando
Então, meu amado
Prometa algo para mim,
Quando tudo isso passar
Mesmo quando o espetáculo acabar
Não se esqueça que eu estive aqui

NTE 21

AUTOR: DEYVISON DA CRUZ PARANHO

COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO DOS SANTOS PAIM

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: SANTO AMARO

SOS

Minha mãe tem 4 filhos e eu tenho 5 irmãos
Solange, Otávio, Samuel, a fome e a pobreza
Solange, 1 ano de idade
Otávio, 9 anos de idade, sonhava cursar direito
Samuel, 2 anos de idade e gosta muito de futebol

A fome e a pobreza são meus irmãos mais velhos
Estão comigo desde que eu nasci, nunca me abandonaram e sempre me atrapalharam em tudo
São conselheiros e sempre me incentivaram a desistir dos meus sonhos

Solange, Otávio e Samuel

SOS

Solange, Otávio e Samuel 1 ano, 9 anos e 2 anos de idade 192...

Se eu ligar vão resolver nosso problema?

Estamos em apuros e não vão nos ajudar?

Quantos jovens já deixaram de sonhar?

A pobreza é um cemitério de sonhos

E o sonho de ser jogador?

E a vontade de viajar o mundo?

E o desejo de sair de casa com 18 anos?

E os planos que eu fazia com minha amada mãe para o futuro?

Mãe que tirava da própria boca pra alimentar os seus 4 filhos.

4 filhos e 40 sonhos impedidos de serem realizados pela miséria

Sonhos impedidos pela impiedosa pobreza

Sonhos que poderiam mudar o mundo

Sonhos que poderiam ser realizados se eu tivesse um terço do dinheiro do meu vizinho

Como é sortudo esse vizinho!

No café da manhã ele tem pão, bolo, croissant
Na minha casa, às vezes mal tem o que comer pela manhã
Você entende a diferença?

Enquanto uns têm uma mansão
Outros andam com pregos nos chinelos
Enquanto uns têm a mesa farta
Outros se contentam com farelos
Enquanto uns têm oportunidades
Outros têm dificuldades

Enquanto o pai do meu vizinho é major
Minha mãe pede a Deus para que amanhã seja um dia melhor.

Todos os dias eu rezo pra não morrer
Ainda bem que, até agora,
Deus tem tempo para me atender
Se Ele viesse aqui na terra, choraria por nós

Pois os que se dizem seus discípulos não praticam o
Vosso reino, apenas o "venha a nós".
E a Sua vontade, meu Pai, era essa?

Que eu desejasse roubar o que não tenho dinheiro pra comprar
Para que o policial pudesse me levar

E minha mãe tivesse menos uma boca pra alimentar?
Eles falam no Teu nome e sabem que é errado matar
Mas por que eles tentam nos abortar?
Pai, se é possível mesmo erradicar a pobreza, por que eles não agem?

Por que não nos ajuda? Nós não somos invisíveis!
Me desculpe dizer, mas eu tenho a fome de Exu
E os pregos que pregavam Jesus, eu os coloquei no meu chinelo.

E aquele 192? caiu na caixa postal!
Porque para eles seríamos menos 40 sonhos e 6 problemas
Solange, Otávio, Samuel... Eu... A fome e a pobreza.

NTE 22

AUTOR: PAULO ANDRÉ ALVES DOS SANTOS
COLÉGIO ESTADUAL RENI MIRANDA FERREIRA
SÉRIE: 2º ANO
MUNICÍPIO: ITAGÍ

Sociedade "Era uma Vez"

Vivemos na era da conectividade.
Onde tudo é motivo de like.
A perfeição, um único padrão, mas calma, é um disfarce,
mude o ângulo, essa não é sua verdadeira face.

Atrás das máscaras de felicidade, sorrisos forçados.
Em um palco de ilusões, corações magoados.
A busca incessante por aprovação, é um fardo.
Enquanto a compaixão se perde, num passado árduo.

O mundo queima, a fome se expande
Enquanto muitos apenas sorriem
E acenam para as câmeras,
a injustiça é grande o gelo derrete, o mar avança.
E os pobres têm que lutar
Saindo cedo para trabalhar, a comida na mesa, eles precisam colocar
Sustentar sua família e um futuro digno lhes dar.

Luxo e fartura, para poucos,
É notório de se ver
enquanto o planeta se consome,
os poderosos, fazem seus jogos de poder.
Como num tabuleiro de xadrez, a regra é lei
sacrificam os peões,
protegem com afincos a rainha e o rei.

A voz dos mais fracos.
Paulatinamente ecoa pelos ares.
Um grito por justiça, quebrando amarras.
A desigualdade é uma ferida que sangra,
Mas ainda há esperança de um mundo melhor.
Uma geração se levantando para lutar pelo futuro.
Quebrando paradigmas, preconceitos
e derrubando o muro.

A história nos mostra que a mudança é possível.
Que a esperança pode florescer em qualquer solo.
Os heróis do passado nos inspiram a lutar.
Por um mundo mais justo e ideal.
Onde a desigualdade é tratada como um problema,
não um efeito colateral.

Por isso, eu afirmo e reafirmo a vocês,
Nossa geração luta e irá lutar.
Por um futuro igual para todos.
É preciso coragem, se quiser alcançar.
Cansamos de contos de fadas,
onde tudo é bom e colorido.
Vamos mostrar sempre a verdade.
Com alegria e sensatez,
Para a nossa história não se tornar apenas.

Era uma vez.

NTE 23

AUTOR: IURY PEREIRA SOUZA

COLÉGIO: ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL EDVALDO FLORES

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: SANTANA

Com olhos e dentes

Hoje choveu aqui mas eu não pude sair pra brincar na chuva,
Porque a chuva de hoje queima a pele de quem sai pra brincar.

Ninguém encheu os baldes
Ninguém agradeceu pelo milagre
Ninguém plantou
Porque a chuva de hoje foi de sangue gritos atroando no céu,
feito relâmpago, gritos.

indígenas mortos dores de fumaça
Hoje choveu veneno numa terra em que não se nasce nada.

Hoje choveu o troco da ganância do homem
Açoitaram minhas matizes, com elas, o meu folclore, fizeram da minha casa uma usina
enorme, afogaram a natureza com fogo!
Sufocada por íngremes prédios, pisoteada pela passarela das altas cidades,
carbonizada pelo despotismo da ambição.
Tiraram a mata e abriram alas para o serrote passear, tiraram o verde da minha gente,
Eles ignoram, ligam o ar da sala enquanto o mundo entra em ebulição, tiraram do meu
peito as raízes, do meu povo as vozes, barbarizaram o amor por inteiro, na mão
desses senhores o que vale é só o sangue do dinheiro.

Acorrentados morreram os caboclos no porão da cidade, da sede por vida lhes
fizeram espetáculo de luto e o caipira mais uma vez cai na corrente, refém do
despotismo doente, cheira óleo diesel nas catacumbas do camburão. E na aldeia,
num dia só a mãe sepultou o pai, o filho e o irmão.

Aqui, a desigualdade é o bicho papão das criancinhas.
Todas devotas da paz, a paz que não alcança toda nação, a paz que é muito cara, a

paz que é muito clara, não alcança o trabalhador que derrama sangue, não alcança os nordestino, nem os caingangue.

Que trabalham a puro sereno, no sal-suor do dia, só para a esposa do chefe comprar uma chanel, uma mansão nas maldivas, enquanto o Yanomami morre de fome, porque arrancaram dele tudo que havia. Sua casa, sua floresta, o prato de comida.

O Brasil virou um cemitério Indígena preparem pois o atestado de óbito, a população se cala perante a tragédia. E à natureza, perdoe-nos por te matar cada vez mais.

Amém.

Mas apesar da ignorância que queima e seca os flumes do meu país, continuemos plantando, pés firmes na terra sagrada, com o corpo fechado, o santo blindado, as mãos livres, andemos porque o catimbó andou, comamos porque o cangaço comeu, sorriamos porque Padilha sorriu e lutemos porque a Bahia lutou.

Em busca do progresso, que sempre borbulhou nas veias de quem tem fome, a vontade que pulsa nas veias desse progresso é a cigania do meu povo, o amor catimbozeiro, a luta que louva a floração do Jatobá, progresso é a ladainha das Marias, todas com requinte para benzer o mundo.

Meu cerrado hoje engole fogo, mas é nele que moram as moiras do seu destino, tecendo os caminhos na fibra do coco e do buriti, pão nosso de cada dia, a farinha na mão das mães é a poesia que alimenta seus filhos, a fome morre no calo dos pés que plantam o verde, mesmo que arda o estômago vazio dos meus irmãos, fortalece o escudo contra as correntes da corrupção.

Brasil, Pinowa retãma, terra das palmeiras, me faz crer no amanhã chamado wiradé, no amanhã que me abastece de coragem, que de amor abastece minha poesia. E se há amor, ainda há motivo pra lutar.

Portanto, lutem, porque ainda existe um sol que brilha sobre vossa cabeça, gritem porque ainda existe uma voz que pulsa na garganta, estudem, porque a palavra ainda é viva e ela é vossa espada. Vamos girar uma chave mestra no sistema, pra que saibam que nós resistimos. Ainda que o sol acabe, que a floresta esteja no chão, que as mãos estejam atadas, ainda que o sertão esteja embaixo d'água, e o país inteiro em ebulição, caminharemos rumo a um destino caboclo, porque o futuro é ancestral!

Vamos recuperar Abya Yala e fazer do Brasil a Pindorama que ele devia ter sido.
Eu sei que o solo parece infértil, mas se por acaso me faltar comida, eu planto poesia,
porque por falta de arte eu não morro!

Yãne kirĩbawa (somos fortes)
yãne wariniçawa (somos guerreiros)
kuá i yãndé marangawa (essa é nossa luta)
kuekatú reté (Muito obrigado)

NTE 24

AUTORAS: LAILA NUNES DA SILVA E LAINA TORRES BATISTA

CETEP DE ITAPARICA II - WILSON PEREIRA

SÉRIE: 1º E 2º ANO

MUNICÍPIO: PAULO AFONSO

Desordem e regresso

Nação, território, república empenhada ou se preferir, dominação desolada

Brasil, vermelho feito brasa

País que oculta a utopia em sentido real

"Quinto maior país em extensão territorial"

E mesmo com toda a sua grandeza, ainda se usa o termo desigual

Um véu sobre a face da decadência

Sem ordem social

Integridade institucional

Justiça nacional

Ou formação integral

Com cores vívidas e íntegras que marcam sua insígnia

Cravando ordem e progresso

Irônico, jurei ter lido "desordem e regresso"

O Brasil é uma terra vasta para evolução

Mas suas crianças ainda perecem por desnutrição

Negros vem a óbito por fuzilamento ou execução

E mulheres são agredidas, acometidas e subjugadas à opressão

Em um país sem conduta, todo luto vira luta

Onde amar e matar são sinônimos

A esperança se esvai e o futuro é um abandono

Nação verde e amarelo

Você notou que sua população proclama por um amanhã menos turvo?

Que sua população é um enorme aglomerado de algo perdido e confuso?

Que clamam por um país que mostre um horizonte distinto

Com educação em plena forma

Com saúde que transforma e sobra

Onde as ruas não se tornem rios de desespero

E os responsáveis, de pés secos, não ignorem o verdadeiro enredo

Mas proclamado Brasil, para você: O que é ser mulher?

Mulher: pessoa do sexo feminino;
ser humano feminino considerado em conjunto, ideal ou concretamente.
Companheira conjugal, esposa

Mas mulher também é força, amor, vida, cuidado...

Então, por que objeto?

Por que sempre tão frágil?

Culpada?

Arrogante?

Confiante demais?

Sempre errada, estressada, dramática, maluca, surtada, estuprada,
ASSASSINADA!

Cansadas

De serem dadas como fracas e desamparadas

De serem culpadas

Culpadas, culpadas e sempre culpadas

Culpada, "homens têm desejos e necessidades,
é normal eles não se segurarem com mulheres como você"

Culpada, como assim mulheres como eu?

Culpada, "com um corpo bonito igual ao seu"

Culpada, eu sou um pedaço de carne pra você?

Culpada!

Eu sou culpada por ser assediada na escola, na rua, no trabalho, na minha própria casa!

Culpada!

Por ser uma tchutchuca

Como o moço que me seguiu na rua à noite me chamou

E novamente, culpada!

Sempre dada como objeto, nunca amada devidamente

Sempre inconsequente, e nunca resiliente

Nos jornais, o feminicídio é novamente alvo de pauta frequente

"Foi violentada
Desvalorizada
Explorada
Deflorada
Molestada
Estuprada
Golpeada..."

Mas não importa, claro, é mulher

E ainda sim, me questiono
Por que todos os dias somos mortas?
Por sermos mulheres?
Todo dia apalpada, encostada, encoxada, assediada, abusada...
Nunca respeitadas

Culpada
Mas até quando?
Casos e mais casos de violência contra a mulher e o número só faz crescer
Marias, Biancas, Julias e Anas assassinadas
E os casos abafados e os casos silenciados
Políticos com políticas ideias para nos calar,
perante gestante, força, ser humano e mulher que somos.
Mas o que somos pra vocês?
Nos dizem pra ficarmos quietas, caladas,
sempre bem comportadas, delicadas, compostas...

Mas não tão calada, para não parecer mal educada
Porque se algum cara passar a mão em mim,
"o que você estava vestindo?
Era muito curto?
Apertado talvez?
Você é mulher, tem que saber como se vestir"
Porque a culpa é do meu vestido que o instigou
Mas eu sou uma mulher, tenho ovários, mas é claro!
Meu vestido "provocante" teria provocado?
Eu era uma criança
Meu vestido infantil te excitou?
Me desculpa, desculpa porque eu tenho culpa, né?

Tantas marcas e olhares que denunciavam, tantos corpos achados em rios
Tantos braços apertados marcados com aquele amor,
que ninguém vê quando te grita e te bate no silêncio da noite
Mas que a gente grita e ecoa por ajuda.
Ninguém escuta

É por nossas irmãs mortas nos becos escuros
Por nossas amigas abusadas
Por crianças encostadas em segredo
Por mulheres "culpadas"
E por nossa luta de todos os dias que
Escolhemos sermos mulheres
Mas enquanto normalizar a violência e dizer:
"Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher"
Mais outra Maria morre, somente por ter nascido mulher

Se o que hoje alcançamos e somos
Se o respeito que conquistamos e que sempre merecemos
É desvalorizado por você
Que pergunta: "o que ela estava vestindo quando foi assobiada na rua?"
Saiba que nossa luta não para por aqui.

Brasil, matizando verde, azul, amarelo e branco
Cores da nossa bandeira, que está revestida de sangue no manto
O sangue de inocentes
Onde palavras não são mais convincentes
Onde os negros deveriam estar agregados
Mas são confundidos com favelados
Onde um branco tenta assassiná-lo
Mas é o negro quem vai algemado
Enquanto gritam: Não atira! Sou apenas um ser humano, não um alvo na mira!
Uma verdade nua e crua?
Seu povo está cansado de ver criminalidade nas ruas

Quer conversar sobre resistência?
É demonstrar força e persistência
Força para não ser dilacerado por amar
E persistência para que não me calem por apenas querer falar
Não sou dicionário, mas tão pouco gosto de ser invalidado

"Que vergonha! Essa não é a família convencional brasileira"
"Mude!" Eles gritam
"Mude e vire homem!"
"Mude e aja como mulher"
Mas foram os olhos del(a) que me ensinaram a ver
Que amor não tem moldes, muito menos regras para obedecer
E ainda sim, homicídio ou suicídio parece a única opção para o meu povo
Porque é exaustivo, ser motivo para me olharem torto

Pleno século 21
E orientação sexual por um mesmo gênero ainda é motivo para ser considerado incomum

Século 21
E na periferia ainda é um por todos, e todos por um

Século 21
Onde bala perdida e corrupção é algo comum

Século 21
Onde para rico é porte de arma, mas para pobre, cuidado!
É marginal armado!

Século 21
E eu corro
Peço socorro
Imploro por abrigo
"Não sou apenas um exílio!"
Peço que chamem a polícia, mas é a polícia que me prende
Que país é esse?

Século 21
E desses impasses, não deveria sobrar nenhum
Enquanto proclamamos, que liberte meu povo
Esse deveria ser um mundo novo

No Brasil, sou artista desmerecida
Poeta
Com poesia que transcende a rima
Sou artista sem ser ouvida
Artista que transforma lágrimas em tinta
Minha presença, embora não entendida, ainda te intimida?
Sou poeta dos que são flagelados

Poeta que escreve gritos dissipados e justiça sem rastro
A voz do silêncio e a alma do tempo
Posso ser poeta sem melodia
Poetisa sem poesia

Mas nunca uma poeta desprovida de empatia
Eu estive ouvindo a canção nacional, e seu eterno legado tradicional
"Brasil, um sonho intenso, um raio vívido"
Já proclamava o tão amado hino
Se "ouviram do Ipiranga" o brado retumbante
Por onde anda o herói do povo neste instante?
"Nossos bosques têm mais vidas, no teu seio mais amores"
Mas nossas florestas queimam, causando temores
Na terra adorada e idolatrada, ainda há esperança de alguém gentil
Afinal, és tu pátria amada, Brasil!

NTE 25

AUTORA: SAMELA SANCHES DA SILVA

COLÉGIO MODELO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: SENHOR DO BONFIM

Um Sussurro

Fui questionada sobre escrever tanto sobre o meu amor
E respondi que não consigo me forçar a escrever sobre temas diversos

Só consigo escrever sobre o que sinto
E o amor é para mim uma junção de universos
Então, se em mim esse bendito parece infinito,
Por que não escrever sobre meu amor e sua flor?

Passo os dias tentando, passo a vida pensando
Faço isso, faço aquilo, tento isso, tento aquilo
Mas algo me diz que continuo errando
Um sussurro do escuro surge afirmando que nada vai valer se eu continuar tentando.

E se eu não for boa o bastante?
E se minhas tentativas forem todas em vão?
E se por mais que eu tente voar com muita disciplina,
No fim, eu termine no chão?

Tem algo que vem devagarinho
Com cuidado, delicadeza
Como se fosse me fazer um carinho
Mas esse algo é astuto e usa da esperteza.

Com malícia se aproxima
Sem alarde
Me engana e depois me derruba como um covarde.
Me bate, me faz cair
E nem se preocupa em estender pra mim a mão.
Porque, no fundo, a alegria esse algo quer ver de mim se esvair
E quer a todo custo fazer parar de bater meu coração.

Mas talvez, lá no fundo
Esse algo só queira me fazer mudar de direção.

Eu carrego imensurável dor
Porque esse algo me atinge sem pudor.
Eu trago comigo uma feição triste
Porque quando o assunto é tirar o meu brilho, esse algo insiste.
Mas e se eu for mais forte?
Mas e se eu for o meu próprio norte?
Mas e se eu não precisar partir?
Mas e se eu não precisar me despedir?
Talvez eu consiga sim, talvez eu continue tentando sim,
Talvez eu seja capaz de me desdobrar, transformar e ressignificar.
Talvez eu me queira pra mim
Mas talvez pra me ter, eu precise antes me resgatar.
Voltando ao início... eu penso, penso e penso.
Eu sinto, sinto e sinto E quando penso que não... eu já estou caindo.
Eu vou me encolhendo Sentindo algo dentro de mim crescer
E por algum motivo esse algo quer me fazer querer morrer.
Tudo que eu precisava era de um susto.
Tudo que eu precisava era de um impulso.
Tudo que eu precisava era de um empurrão.
Tudo que eu precisava era me estatelar no chão.

Na minha porta ela bate esperando eu abrir
Pelas janelas me observa pra ver se ainda consigo rir
Ela fica escondida esperando uma brecha pra entrar
Fica ansiando em mim poder se enroscar
Eu finjo não perceber sua presença
Mas quando ela não vem eu agradeço sua ausência.
E no fim, isso não é sobre amor
E no fim, isso não é somente sobre dor.

É sobre parte do horror que habita em mim
É sobre avistar o tão temido fim.
E no fim, não é só sobre a tristeza.
E no fim, não é só sobre a incerteza.

Às vezes, é sobre mesmo estando caída eu ainda consiga ver beleza.

Ainda quero aprender a tocar a flauta que fiz,
Quero tentar mesmo que meu reflexo seja infeliz.

Ainda quero ao lado de certa pessoa gingar,
E quem sabe poder com a mesma me casar.

Ainda quero me sentir bem
E sentir que posso, além disso, ser feliz também.
Eu não vou mais permitir que de mim você tire proveito.
Não vou mais permitir que você queira me ver num leito.

Eu não posso mais ignorar sua insensatez
E não consigo esquecer o que em mim você já fez.

Por você eu já chorei
Muitas lágrimas e mais lágrimas eu derramei.
Por você eu já vi meu próprio sangue escorrer.
Já me vi ceder e ceder.

Mas acabou! Aqui você não tem mais vez.
Agora quem vai correr de mim é você.
Agora quem vai chorar e agonizar é você.
Agora no escuro você vai voltar a se esconder.

Porque no fim, eu não quero te escutar na minha porta bater.
Saiba que eu não quero mais você.

Então me faça o favor de se retirar
Me diga "adeus" e me prometa que sua intenção é jamais voltar.

Querida, sombra, agora é hora de procurar outra pessoa pra importunar
Porque você já não tem mais tanto poder pra me afetar.
É que minha luz conseguiu de volta me achar
E dentro de mim ela voltou a habitar.

E sobre a flor... eu estou a regar
Ela vai crescer e desabrochar
E o meu belo jardim ela vai enfeitar.
A escuridão não vai mais me assustar.

NTE 26

AUTOR: RIKELVEN NASCIMENTO DOS SANTOS

COLÉGIO ESTADUAL RENAN BALEEIRO

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: SALVADOR

Punido

Corri o pôr do sol, me perdi no caminho
Olhei o chão, e vi um lençol deitei, e fiquei sozinho
Cantei as minhas lembranças acompanhado da saudade
Olhei o céu, e vi caindo do paraíso crianças carregavam nos braços a divindade

Agarrei o divino, sorri levaram eu criança
O impuro ainda estava ali permaneci sem vestígio de esperança
O vento levou-me ao inferno, um abraço que despedaçou meu desejo de voltar
Tormento, viverei sem amor fraterno Roubaram de mim a vontade de voar.

NTE 27

AUTORA: CLARA DAS VIRGENS GREGÓRIO

COLÉGIO ESTADUAL JÉSUS MOURA

SÉRIE: 3º ANO

MUNICÍPIO: GUARATINGA

O Sol de 2 de julho

À independência da Bahia,
Esse cordel vou dedicar,
Comemoramos 2 de julho
Só que ninguém sabe explicar,
Em nome dos baianos e baianas,
Com muito orgulho vou contar.

Tudo começou,
Com Portugal muito retado,
Por ter perdido suas terras
E "de quebra" seus escravos,
Retornaram ao Brasil,
Prá tentar seguir o reinado.

Assim tiveram um plano,
Queriam tomar Salvador,
Mas toparam com um exército
Esperando com esplendor.
Tiro saiu pela culatra, Portugal se assombrou.

Em busca dos guerreiros,
Para igreja Portugal partiu,
Mas Madre Joana Angélica,
Posto de soldado assumiu.
Mais homem que muito homem,
Defendeu nosso Brasil.

O exército português,
Por muito tempo ela não segurou,

Mas pelos fundos da capela,
O povo brasileiro escapou.
E essa foi a história,
De como uma freira nos salvou.
O Brasil já muito fraco,
Começou a se abalar,
Já perdemos essa guerra!
Sem, terras vamos ficar,
Mas por um milagre divino
Essa história vai mudar.

O corneteiro Lopes, uma ordem recebeu,
Toque o som de recuar!
Mas errou e inverteu.
Acidentalmente ou não,
TAL 11A

Avançar e degolar!
E Portugal se assustou,
Mesmo sem preparação, o Brasil apavorou,
E assim no 2 de julho,
Nosso país ganhou.

200 anos se passaram,
Desse tempo para cá,
Nunca mais o despotismo,
Nesse estado vai reinar,
O Sol de 2 de julho é brasileiro,
E essa história também será.

Nossa querida Bahia
Tem uma história diferente
E hoje estou te contando
Pra te deixar consciente,
Que o melhor estado brasileiro
Felizmente é o da gente.

PROJETOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS

PROCESSOS
CRIATIVOS
INCLUSÃO

DESPERTAR
PROTAGONISMO
ESTUDANTIL

ARTE NO FAZER
PEDAGÓGICO
TRANSVERSALIDADE
NARRATIVAS
HISTÓRICAS

LIBERDADE
IDENTIDADE
ESCOLA VIVA
PROJETO
DE VIDA

DIVERSIDADE

SAIBA MAIS:



educacao.ba.gov.br/programas-e-projetos-estruturantes



Programas
e Projetos
Estruturantes

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA ORIENTE

GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

GOVERNO
PRESENTE
**FUTURO
PRA GENTE**